

O VESTIBULAR E A AUTO-ESTIMA DO JOVEM *

CARMEN LÚCIA DE MELO BARROSO **

ELBA SIQUEIRA DE SA BARRETO **

RESUMO

Este estudo investiga as relações entre alguns fatores de natureza social e educacional e o desenvolvimento da auto-estima do jovem e analisa a associação entre auto-estima e desempenho em exames vestibulares. A amostra é constituída de 113 candidatos que prestaram o vestibular do Cessem. A escala usada para a medida de Auto-estima foi a de Rosenberg. Entre os fatores que, por hipótese, estariam associados à auto-estima, foram poucos os que apresentaram correlações significativas. As autoras discutem várias explicações possíveis e salientam que as associações entre auto-estima e outras variáveis talvez sejam mais intensas em etapas anteriores da vida do sujeito.

SUMMARY

Self-esteem and college entrance exams — This study investigates the relationships between self-esteem and school success, SES, family support, self confidence and college entrance exam scores, among other variables. The sample was made of 113 applicants who took the CESSEM exam. Rosenberg's scale was used to measure self-esteem. Few of the hypothesized relationships showed significant results. The authors analyze possible methodological and substantive explanations and they argue that the association between self esteem and other variables may be stronger in earlier stages of life.

A produção científica se faz através de caminhos e descaminhos. Via de regra, os estudos publicados referem-se aos resultados bem sucedidos a que chegaram. Contudo, o que grande parte deles deixa de mencionar são as dificuldades encontradas no decorrer de sua elaboração; as perplexidades colocadas por diferentes possibilidades de interpretação igualmente procedentes; o proceder muitas vezes pouco ortodoxo em termos de lógica do conhecimento científico, tornado necessário em determinados impasses, e capaz de abrir novas perspectivas.

De outra parte, existem inumeráveis trabalhos empíricos que simplesmente terminam não sendo divulgados porque não atingem os resultados espe-

rados, deixando de chegar ao conhecimento dos que têm interesse no assunto.

Se as investigações publicadas constituírem uma amostra não representativa — em termos de confirmação ou não de hipóteses — das que são efetivamente realizadas, os próprios resultados relatados são dignos de um grau de confiança bastante menor que o especificado pelo seu nível de significância. Se 100 pesquisadores diferentes investigassem a mesma hipótese, todos adotando o nível de significância de 0,05, seria de se esperar que 5 deles encontrassem confirmação da hipótese, ainda que ela fosse falsa. Se somente se publicarem os estudos cujas hipóteses forem confirmadas, correremos o risco de construir uma ciência baseada em resultados casuais.

Além disso, acreditamos que ainda que investigações realizadas não tenham surtido os frutos esperados, elas podem ser tão desafiadoras quanto

* Pesquisa realizada com o apoio financeiro do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais — INEP.

** Do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

outras no sentido de questionar procedimentos, sugerir novas indagações, além de evitar que outros eventualmente repitam passos inúteis.

No presente estudo, grande parte das hipóteses levantadas não foram confirmadas. Se nisso não há nenhum demérito — já que se houvesse alguma certeza sobre elas não se justificaria um estudo em torno do tema — o fato levanta uma série de problemas que discutiremos no decorrer do trabalho.

1. OBJETIVOS

Este estudo resulta da conjugação de duas linhas de investigação bastante amplas. Uma delas diz respeito aos trabalhos que procuram estabelecer os fatores que influenciam o sucesso no vestibular. Essas pesquisas têm dado maior ênfase aos aspectos de natureza social ou do sistema educacional.

Outra linha vem sendo representada pelas investigações que apontam aspectos relacionados à personalidade como exercendo influência poderosa na realização acadêmica. Inicialmente, esses estudos se dedicaram a identificar traços de personalidade apontados como importantes na determinação do sucesso escolar. Nas últimas décadas, com o desenvolvimento das teorias referentes ao auto-conceito, ganhou ênfase a importância atribuída à auto-estima no desempenho do estudante.

A presente pesquisa focaliza a atenção no nível individual, tomando uma característica psicológica como variável interveniente que, possivelmente, explique parte da relação entre variáveis sócio-educacionais e o rendimento escolar.

Entre nós, o vestibular, posto como verdadeiro "rito de iniciação" para a vida adulta, acaba, pelo caráter competitivo que assume, por se constituir numa situação altamente desafiadora para o jovem. O exame coloca em questão as aptidões, interesses e a imagem que o estudante tem de si mesmo. Pode gerar, por isso, um elevado nível de ansiedade em indivíduos menos resistentes a esse tipo de pressão, capaz de interferir na realização das provas.

Supondo que esse processo esteja ligado ao grau de auto-estima que o indivíduo possui, analisamos alguns fatores sociais e educacionais que julgamos estar associados ao desenvolvimento de maior auto-estima e investigamos a relação da auto-estima com a preparação para o vestibular e o desempenho nos exames.

2. SIGNIFICADO DA AUTO-ESTIMA

Os estudiosos do auto-conceito têm-se dividido entre aqueles que se ocupam com a investigação das percepções que o sujeito tem acerca de si mesmo e do seu ambiente e os que se atêm à análise de variáveis inferidas, como motivações e atitudes que

estariam relacionadas hipoteticamente ao "eu" inconsciente.

Entre os que trabalham com os dados conscientes, não existe um consenso amplo a respeito de conceitos como auto-estima, auto-imagem e o próprio auto-conceito. A definição de cada um desses termos depende da teoria em que eles estão inseridos, bem como do instrumento utilizado para sua mensuração.

Para fins deste estudo adotamos a conceptualização e a operacionalização de auto-estima feita por Rosenberg (1965), que se fixa, particularmente, no aspecto da aceitação do eu. Para esse autor, auto-estima engloba as crenças, opiniões, atitudes, valores e sentimentos conscientes que o indivíduo tem a respeito de si próprio. Alta auto-estima significa uma atitude global favorável em relação à própria pessoa. Não implica em que o indivíduo se sinta superior aos demais, mas que se julgue uma pessoa de valor, merecedora de respeito. Assim como a estima a outras pessoas não implica em negação de suas falhas, também a auto-estima não é incompatível com o reconhecimento das próprias limitações. Apenas, este reconhecimento está inserido num quadro geral favorável, em que a pessoa gosta de si própria.

3. PROBLEMAS

Os problemas estudados foram os seguintes:

- a) Experiências de sucesso escolar estão relacionadas com a auto-estima? O sucesso acadêmico é altamente valorizado nas sociedades industriais onde são grandes as exigências de qualificação para atender às necessidades do desenvolvimento. Se a auto-avaliação ocorre a partir de sistemas de referência que se reportam aos padrões de excelência de uma dada sociedade, é possível que sucessos na escola venham acompanhados de maior auto-estima.
- b) Participação em grupos de maior prestígio contribui para maior auto-estima? Entre os grupos que fazem parte de diferentes sub-sistemas da sociedade inclusiva existem aqueles mais prestigiados do que outros porque seus elementos, em geral, se aproximam mais de alguns dos critérios valorizados. Assim, as diferenças de prestígio atribuído às diversas categorias ocupacionais podem levar ao desenvolvimento de diferentes níveis de auto-estima nos filhos, em função da posição ocupada por seus pais. No sub-sistema de ensino, os cursos diurnos tendem a ser mais conceituados que os noturnos, seja pela clientela que recebem (seus alunos provêm, geralmente, de um status sócio-econômico mais alto), seja pelos recursos de que

podem usufruir. Em termos de urbanização, a metrópole parece ser mais valorizada que o interior, não só por ser o centro de decisões de âmbito mais amplo, como por representar maiores oportunidades de acesso aos meios culturais e oferecer igualmente maior mercado de trabalho.

- c) Ambiente familiar favorável influencia a auto-estima? Os dados da pesquisa de Rosenberg (1965) sugerem que a indiferença extrema dos pais está associada à menor auto-estima dos filhos, e é ainda mais deletéria que uma atitude punitiva. Brookover (1964), por sua vez, constatou que a opinião dos pais é importante para a concepção que o estudante forma a respeito das próprias habilidades. O ambiente familiar mais favorável ao desenvolvimento da auto-estima parece ser aquele em que os pais se interessam pela vida escolar dos filhos e, no caso do vestibulando, apóiam suas decisões de escolha de carreira.
- d) A auto-estima está associada à maior auto-confiança? Entenda-se aqui auto-confiança como a atitude de otimismo em relação ao resultado das próprias ações. Limitamos nossa investigação à associação entre auto-estima e a expectativa de resultados positivos no contexto escolar, que é o nosso foco de atenção.
- e) Jovens que expressam maior auto-estima são mais bem sucedidos no vestibular? Os exames vestibulares procuram medir a aquisição de conhecimentos transmitidos nos cursos de 2.º grau e as habilidades necessárias ao prosseguimento dos estudos em nível superior. Os conhecimentos e as habilidades variam desde um grau mínimo até um grau máximo. Assim, não nos limitamos a verificar se os candidatos obtiveram vagas, ou não, mas analisamos suas notas, desde a mais baixa até a mais alta.

4. HIPÓTESES

1. *Relativas ao sucesso escolar*

Possuem maior auto-estima os candidatos ao vestibular que:

- 1.1. Obtiveram notas altas na escola de 2.º grau
- 1.2. Nunca foram reprovados em exames vestibulares anteriores
- 1.3. São mais jovens (porque, de um modo geral, menor idade corresponde a menor número de fracassos escolares)

2. *Relativas a prestígio do grupo a que pertencem*

Apresentarão níveis mais altos de auto-estima os candidatos:

- 2.1. de nível sócio-econômico mais alto
- 2.2. que cursaram a escola média no período diurno
- 2.3. que moram há mais tempo na capital

3. *Relativa ao ambiente familiar*

Quanto maior o apoio dos pais à escolha de carreira feita pelos vestibulandos, maior a auto-estima destes últimos.

4. *Relativas à auto-confiança*

Quanto maior a auto-estima do vestibulando:

- 4.1. mais ele expressará confiança em sua aprovação nos exames
- 4.2. menos ele se preocupará com a competição em sua carreira
- 4.3. mais ele tenderá a escolher carreiras mais competitivas

5. *Relativa aos resultados do vestibular*

Candidatos que apresentam maior auto-estima obtêm maior número de pontos nas provas do vestibular, independentemente da influência de nível sócio-econômico da família.

5. AMOSTRA

Dada a natureza exploratória do presente estudo, o principal critério para a escolha da amostra foi de caráter prático, procurando-se não elevar exageradamente os custos numa fase que constitui uma primeira abordagem do problema.

A escolha de uma amostra aleatória simples, cogitada inicialmente, apresentaria grandes problemas operacionais e encarecia demasiado o custo da pesquisa. Em primeiro lugar, ela implicaria numa aplicação individual dos instrumentos uma vez que a população dos vestibulandos só se reúne por ocasião do próprio vestibular, e este não constitui momento oportuno para a coleta dos dados necessários a investigação proposta. Em segundo lugar, uma amostra aleatória só poderia ser selecionada no momento da inscrição, e, devido à natureza dos dados solicitados, seria aconselhável que o fornecimento de dados fosse voluntário. Isso provavelmente introduziria um viés na amostra, pois talvez indivíduos com maior auto-estima tenham mais

boa-vontade para responder a questionários desse tipo.

Assim sendo, optou-se por uma amostra constituída por duas classes de curso diurno e duas classes de curso noturno de dois "cursinhos" da capital de São Paulo, perfazendo um total de 113 alunos. Estas classes incluem elementos de ambos os sexos, cuja idade varia de 17 a 25 anos.

Os dados foram coletados em três etapas: 1.º) aplicação da escala de auto-estima, em período regular de aulas dos cursinhos; 2.º) preenchimento do questionário de informações sócio-econômicas e escolares, por ocasião da inscrição ao vestibular; 3.º) realização dos testes do vestibular. A resposta à escala, pelo fato de ter sido apresentada como atividade voluntária, não impediu altíssima taxa de concordância em relação ao fornecimento dos dados solicitados.

Verificou-se que a amostra é razoavelmente representativa dos vestibulandos do Cessem⁽¹⁾, tendo-se o cuidado de, antes de se iniciar a análise, se compararem os dados de que dispomos com os provenientes de uma caracterização extensa dos candidatos ao vestibular do Cessem, realizada em pesquisa anterior (Oliveira, 1972). Na pesquisa mencionada, e que se refere à população dos candidatos, 16% não fizeram cursinho: na presente amostra são todos alunos de cursinho; quanto às demais variáveis, as porcentagens são bastante semelhantes às da população estudada.

6. INSTRUMENTOS DE MEDIDA UTILIZADOS

Auto-estima

A escala empregada foi desenvolvida por Rosenberg (1965), para medida da auto-aceitação em estudantes da escola secundária. Ela é composta de 10 itens aos quais os sujeitos devem responder de acordo com quatro posições alternativas que vão desde o "discordo muito" ao "concordo muito". Embora haja duas nuances para as posições concordantes e duas para as discordantes, os pontos são computados apenas enquanto concordância ou discordância.

O instrumento é unidimensional: seus itens têm conteúdo homogêneo na medida em que se reportam a uma única área a ser investigada; além disso, ele se propõe a medir apenas a função manifesta da variável, ou seja, a que é declarada pelo sujeito.

Para a medida das variáveis que se seguem, utilizamos as informações colhidas através de algumas das questões do Questionário de Caracterização

do Aluno, aplicado aos vestibulandos do CESSEM. Tais questões, abaixo enumeradas, constam do Anexo 1.

Sucesso Escolar

Entendemos como sucesso escolar, nesse caso, o resultado da avaliação formal da aprendizagem nos cursos de 2.º grau e o resultado das experiências em exames vestibulares anteriores.

Os dados utilizados para o teste das hipóteses relativas a essa variável são provenientes das questões 1, 2 e 3 do Anexo 1.

A pergunta 1, ao invés de inquirir o estudante sobre a média geral do 3.º ano do curso de 2.º grau, fornece informações sobre essa média no 2.º ano. Procurou-se com isso evitar as prováveis distorções nas notas do último ano, freqüentes quando os alunos que fazem cursos preparatórios na mesma época em que concluem o colegial acabam por se dedicar mais aos primeiros do que aos cursos regulares.

Essa questão parece ter fidedignidade suficiente porque investigações anteriores têm comprovado haver correlação entre as notas "declaradas" pelos estudantes e as notas realmente obtidas. Também, as variações entre os critérios das diferentes escolas provavelmente não serão tão grandes que obscureçam a relação entre nota e auto-estima. Dados coletados pela Fundação Carlos Chagas, por ocasião de diversos concursos públicos, indicam associação entre notas relatadas pelos candidatos e resultados nas provas objetivas (Gouveia, 1972).

A questão 2 foi recodificada agrupando-se as categoriais 2, 4, 6 e 8; elas indicam que os alunos aí enquadrados obtiveram sucesso relativo em tentativas anteriores de ingresso à faculdade. As categorias 3, 5, 7 e 9 também passaram a constituir uma única, que evidencia um fracasso absoluto em todas as tentativas prévias.

Grupos de maior prestígio

Como indicador de nível sócio-econômico um índice foi constituído pela somatória dos indicadores referentes ao grau de instrução do pai (questão 4), nível ocupacional do pai (questão 5) e renda familiar (questão 6). A pergunta 5 foi recodificada de acordo com a Escala de Hierarquia de Prestígio de Hutchinson (1961), reformulada por Aparecida Joly Gouveia (CRPE, 1966). Essa escala é composta de 7 níveis, utilizados aqui em ordem inversa para facilidade de cálculos.

A questão 7 permitiu distinguir os alunos que freqüentaram o curso médio em período diurno daqueles que o fizeram em período noturno. A

1 Centro de Seleção a Escolas Superiores.

categoria 3 não foi considerada para o teste da hipótese, por incluir alunos que fizeram o curso médio parte em um dos períodos referidos, parte em outro.

A pergunta 8, referente ao município em que os estudantes cursaram o 2.º ano do 2.º grau, foi recodificada em termos de cursos realizados na capital e no interior, possibilitando inferir o tempo de permanência dos sujeitos na capital.

Apoio dos pais

Foram utilizados os itens 5 e 10 do questionário, com as categorias 1 a 6 recodificadas para 6, 5, 1, 2, 3, 4 a fim de expressar um grau decrescente de interesse e harmonia familiar. Embora estas questões envolvam um certo grau de subjetivismo, é justamente a percepção do candidato o que interessa.

Auto-confiança

Esta é uma variável difícil de ser medida. Se nos limitássemos à verbalização por parte do sujeito, ela, provavelmente, seria muito afetada pela influência da "desejabilidade social". Especialmente no vestibular, o jovem pode, consciente ou inconscientemente, exagerar sua auto-confiança a fim de apresentar uma imagem de si mesmo que seja socialmente aceitável. Se, por outro lado, procurarmos indicadores objetivos no seu comportamento, este se torna difícil de interpretar por ser, geralmente, multi-causado. Assim, procuramos combinar diversos indicadores para neutralizar a imprecisão de cada um deles quando considerados isoladamente. Utilizamos, portanto, a expressão direta de auto-confiança (item 11), algumas expressões indiretas (categoria 1 do item 12 e categoria 7 do item 13 e itens 14 e 15) e um comportamento objetivo de escolha de uma carreira onde a competição é maior (índice de competitividade).

O índice de competitividade das carreiras, descrito no Anexo 2, constitui a porcentagem de candidatos convocados, de cada carreira no vestibular do Cessem de 1974.

Resultados no vestibular

Para a medida da variável "resultados no vestibular" foram utilizados os escores brutos, uma vez que as provas recebem ponderações distintas de acordo com as opções de carreira feitas pelos candidatos. Foram empregadas duas provas de disciplinas diferentes, o que serve para, de certa maneira, realizar réplicas dos testes de cada uma das hipóteses.

7. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já se assinalou anteriormente, grande parte das relações hipotetizadas entre auto-estima e desempenho no vestibular não foram confirmadas neste estudo. Isso pode indicar que elas, efetivamente, não ocorrem nos níveis esperados, nas circunstâncias em que foram investigadas. No entanto, como esses resultados em parte não coincidem com constatações feitas por outros estudos na área, nos indagamos se os instrumentos ou a amostra teriam sido realmente adequados ou, ainda, se algumas das hipóteses deixaram de ser formuladas com propriedade.

Quanto aos *instrumentos*, há objeções que podem ser levantadas em relação ao Questionário de Caracterização do Aluno. Por não ter sido elaborado especialmente em função dos dados que se desejava obter nesta pesquisa, ele pode ter deixado de fornecer uma série de informações suplementares necessárias à caracterização da relação entre as variáveis estudadas.

A escala de auto-estima de Rosenberg é igualmente passível de críticas. A pesar de já ter sido amplamente utilizada em grande número de pesquisas, tendo-se comprovado que tem alta fidedignidade e validade preditiva e de construto (Crandall, 1973), sua unidimensionalidade faz com que fiquem de lado aspectos relevantes da auto-estima capazes de responder por variações significativas desta variável. Além disso, com pequeno número de itens, a escala propicia apenas a apreensão de distinções grosseiras entre os indivíduos (Nunnally, 1967).

Acresce-se ainda o fato de que a média de auto-estima do grupo foi bastante alta (7,87) e que não houve grande dispersão dos valores ($\sigma = 2,16$). Isso leva a supor que, apesar de não terem respondido à escala por ocasião das provas vestibulares, mas em condições praticamente neutras quanto ao clima emocional, os sujeitos podem ter superestimado a auto-avaliação que fizeram, desejando apresentar de si mesmos uma imagem favorável do ponto de vista da aceitação social. É relativamente fácil que isso ocorra na Escala de Rosenberg, visto que as conotações positivas ou negativas contidas nas afirmações são propositadamente explicitadas com clareza. Parece não ser apenas coincidência que a média de auto-estima da principal amostra⁽²⁾ em que o próprio autor utilizou seu instrumento tenha sido também bastante alta: 8,11.

A freqüente supervalorização da auto-avaliação é uma dificuldade apontada igualmente em outros instrumentos do gênero, o que não impede, entre-

2 5.025 estudantes de cursos médios de Nova York. Rosenberg (1965).

tanto, que sejam constatadas diferenças individuais nas tendências dos sujeitos para se super ou subestimarem.

No presente estudo, o problema básico dessa superestimativa da auto-estima está em que ela dificultaria a constatação de relações entre esta variável e as demais, cujos valores se distribuem de maneira muito dispersa.

As dificuldades relativas à amostra devem também ser consideradas. Seria necessário replicar a pesquisa com outros grupos para a generalização mais ampla dos resultados aqui obtidos.

No que diz respeito às hipóteses, as objeções que podem ser levantadas com relação a algumas delas serão feitas nos comentários específicos que se seguem. Sem que constituam justificações *ad hoc* dos dados empíricos, o intuito com que elas foram apresentadas é o de sugerir novas abordagens do problema.

Quanto ao sucesso escolar, nenhuma das suposições expressas pelas hipóteses foi confirmada. É provável que diferenças de auto-estima em relação ao desempenho acadêmico, como as apontadas por Anderson e Evans (1974), Brookover et alii (1964), Caplin (1969) e outros, sejam mais acentuadas em países cujos padrões de relacionamento escolar sejam mais altamente competitivos que os aqui vigentes, como, por exemplo, nos Estados Unidos, onde foram realizados a maior parte dos estudos divulgados. A ética predominante nessas circunstâncias pode levar o aluno a se atribuir maior parcela de responsabilidade pelo seu fracasso do que entre nós. É preciso considerar ainda que esses estudos tratam, via de regra, da opinião do sujeito acerca de sua habilidade acadêmica, o que implica numa abordagem bem mais específica do que a possibilitada pela Escala de Rosenberg, que versa sobre a auto-estima generalizada.

A correlação entre auto-estima e notas no 2.º grau foi 0,05 ($p < 0,05$). A constatação de que as duas variáveis não estão associadas sugere a necessidades de rever a formulação inicial relativa às notas escolares. Se é certo que, na nossa realidade escolar, as notas são um catalizador do esforço do aluno, não é menos verdade que o sucesso escolar é medido sobretudo em termos de aprovação ou reprovação no ano letivo. Para a grande maioria dos estudantes, a nota de aproveitamento conta menos do que o fato de serem aprovados ou não.

Ora, sendo o vestibular um processo altamente seletivo, os que conseguem chegar até ele são exatamente aqueles alunos dos cursos médios que apresentam um menor número de reprovações. Na presente amostra, apenas 8% dos sujeitos tiveram médias inferiores a 6,0 no segundo ano do curso colegial. E, entre a massa dos aprovados na escola

média, serão talvez muito poucos — provavelmente os que disputaram os primeiros lugares — aqueles cuja auto-estima tenha relação muito estreita com as notas escolares.

A propósito, tanto Rosenberg (1965), quanto Trowbridge (1972), indicam que a relação entre o sucesso acadêmico e a auto-estima é mediado pelo grau de importância atribuída pelos alunos ao desempenho escolar. Somente quando o “tirar boas notas” passa a ser muito valorizado pelo estudante é que há maior associação entre nota e auto-estima.

Os dados indicam que também não há relação entre auto-estima e reprovação no vestibular, situação essa muito mais competitiva do que a enfrentada no curso de 2.º grau ($t = 0,00$). Se se pode argumentar que a hipótese relacionada a esta variável tem mais força de argumento do que a primeira, dado que se supõe haja, entre nós, maior empenho por parte dos estudantes em serem aprovados nos exames de ingresso ao curso superior do que, simplesmente, em serem os melhores alunos do curso colegial, os resultados são, de certa maneira, surpreendentes. Por outro lado, deve-se lembrar que dos sujeitos nessa amostra os reprovados são justamente aqueles que — apesar da reprovação — voltaram a enfrentar um vestibular competitivo. É possível que a reprovação tenha afetado a auto-estima de outros candidatos que tenham preferido outras alternativas menos ameaçadoras.

Quanto à relação entre auto-estima e idade dos estudantes ($r = 0,07$, não significativa), na medida em que esta última for interpretada como indicio de maior número de fracassos, os resultados são condizentes com os obtidos no teste das hipóteses anteriores. É possível, porém, que parte da variação das idades, que é aliás pequena⁽³⁾, esteja associada a interrupções no processo educativo. Em se tratando desses casos, não haveria motivos tão evidentes para associar uma variável à outra.

Todas as hipóteses relativas ao prestígio do grupo a que pertencem os sujeitos também não foram confirmadas. A ausência de correlação entre auto-estima e nível sócio-econômico⁽⁴⁾ foi também constatada por outros estudos da mesma natureza, como os realizados pelo próprio Rosenberg (1965), os de McDonald e Gynther (1965) e Coleman (1966). Existem, entretanto, outros trabalhos que apontam diferenças de auto-estima entre sujeitos de nível sócio-econômico diverso. Essas investigações são, na sua maioria, realizadas com crianças, havendo as que sustentam que os sujeitos de nível sócio-econômico mais baixo refletem a imagem negativa que as práticas discriminadoras da sociedade estig-

3 As faixas de idade de maior frequência estão entre 18 e 22 anos.

4 Nesta pesquisa, $r = 0,06$, não significativa.

matizam sobre eles. Consulte-se, nesse sentido, Deutsch (1960), Wylie (1963) e, entre nós, o trabalho de Poppovic (1975) sobre crianças marginalizadas na cidade de São Paulo. Em contrapartida, são numerosos os autores que constataram uma auto-avaliação mais positiva entre os sujeitos de nível sócio-econômico mais baixo do que entre os de classe média. Soares e Soares (1969), Rosenberg e Simons (1971), Trowbridge (1972), Zirkel e Moses (1971), estão entre os mais destacados.

Em vista dessas constatações não concludentes, é necessário examinar a questão com maior atenção. A despeito do dado conhecido de que o sistema escolar brasileiro elimina a maior porcentagem da clientela pertencente aos estratos socialmente menos favorecidos da população em estágios de escolaridade anteriores ao curso superior, a amostra apresentou relativa dispersão entre os valores apontados pelos indicadores de nível sócio-econômico. Essa diferenciação entre os alunos poderia ser mais acurada ainda se dispuséssemos de informações mais precisas sobre o indicador referente à ocupação dos pais dos sujeitos. A caracterização grosseira que fizemos pode ter encoberto diferenças sutis, mas significativas, entre os diversos níveis.

Por outro lado, talvez tivesse sido necessária uma formulação mais elaborada da hipótese para que se chegasse a constatar a diversidade esperada. Sabe-se que as diferenças de nível sócio-econômico implicam numa teia de relações primárias e secundárias com teor diverso: o contato familiar, com os pares e com grupos institucionalizados não se processa de maneira igual entre indivíduos pertencentes a diferentes camadas sociais. Ora, é possível que a aceitação do indivíduo em grupos que dão margem a um maior relacionamento, em termos de contatos primários, seja mais decisiva na formação da auto-estima do que a aceitação pelos grupos altamente institucionalizados mais representativos da sociedade global. Nesse sentido, não é de causar espécie o fato de que a auto-estima entre os alunos dos cursos noturnos tenha sido maior que a dos que freqüentam o curso diurno. O teste de comparação de médias indicou haver uma diferença significativa de auto-estima entre os dois grupos ($t = -2,80$ $p < 0,05$). É provável que essa diferença seja, em parte, atribuível ao fato de que os alunos que freqüentam os cursos menos prestigiados tenham sofrido menores pressões para obter vagas nos cursos superiores do que os alunos cujos grupos de relacionamento mais próximo consideram como um valor capital o acesso a carreiras universitárias.

Pode-se argumentar ainda que, entre os estudantes dos cursos menos favorecidos, só chegam ao vestibular uns poucos que são altamente diferenciados. Esses sujeitos seriam atípicos, e por terem conseguido chegar ao ponto em que chegaram —

tendo que despender um esforço muito maior do que os que desfrutavam de condições mais favoráveis — seriam os indivíduos cujo comportamento estaria mais associado a uma auto-estima maior.

Também é possível recorrer à explicação de Rosenberg e Simmons (1971), segundo a qual, entre os grupos menos privilegiados, os mecanismos de defesa se desenvolvem mais, de tal sorte que os indivíduos pertencentes a esses grupos tendem a superestimar a auto-estima mais do que os outros. Não obstante, os referidos mecanismos parecem atuar sobretudo em situações mais carregadas de conotação emocional como as constatadas nas comparações de grupos de crianças negras e brancas nos Estados Unidos. Parece que se existe, no Brasil, uma diferença de prestígio entre cursos diurnos e noturnos, ela é bastante diluída e se apresenta muito mais em termos de uma apreciação genérica sobre os cursos do que ao nível da aceitação ou rejeição individual dos estudantes pertencentes a um ou outro período. Assim sendo, não haveria motivos suficientemente sérios para justificar a utilização em larga escala de mecanismos de defesa pelo grupo.

A hipótese não comprovada de que os estudantes da capital teriam maior auto-estima do que os provenientes do interior ($t = -0,14$, não significativa), pode ser também revista na mesma linha sugerida para a de nível sócio-econômico. A parte o fato de que é freqüente que os indivíduos que vêm estudar na capital tenham, nos seus lugares de origem, uma posição social avantajada em relação aos que aí permanecem, é possível que eles participem de grupos cujo relacionamento tem características diferentes em termos de competição, prestígio, etc. das dos grupos da metrópole. Esse relacionamento teria um peso maior na formação da auto-estima do que a eventual ansiedade provocada pelo conhecimento das desvantagens que esses estudantes podem apresentar por terem tido menores oportunidades culturais que seus colegas de São Paulo.

Por outro lado, convém não esquecer que os alunos do interior que compõem a amostra passaram por um treinamento nos "cursinhos" preparatórios da capital, o que, provavelmente, serviu para anular, pelo menos parcialmente, efeitos de disparidades muito grandes de formação. Essa aparente homogeneização pode funcionar como neutralizadora da ansiedade e, portanto, como não desafiadora da auto-estima.

A hipótese segundo a qual seria maior a auto-estima do candidato que recebesse maior apoio familiar à sua opção de carreira foi em parte confirmada. A correlação entre auto-estima e reação da mãe à escolha do sujeito é significante e indica haver uma associação entre as duas variáveis, ainda que não muito estreita ($r = -0,17$; $p < 0,05$).

A opinião das mães acerca da escolha de carreira parece ser mais importante para os sujeitos, do ponto de vista afetivo, do que a dos pais, uma vez que não se encontrou correlação entre auto-estima e apoio paterno ($r = -0,10$; $p = 0,07$).

Entretanto, como foi constatada uma correlação alta entre a opinião do pai e a da mãe ($0,63$; $p < 0,01$), fizemos um confronto das médias de auto-estima dos candidatos, separando-os em diversos grupos, em função da reação do pai, a fim de obter informações suplementares (Ver Tabela 1).

TABELA 1 — MÉDIA DA AUTO-ESTIMA DOS CANDIDATOS, SEGUNDO A REAÇÃO DO PAI À ESCOLHA DE CARREIRA

Reação do pai	% de respostas	média de auto-estima
Demonstrou-se muito entusiasmado	39,0	7,86
Parece ter ficado satisfeito	27,8	7,55
Não gostou da escolha, mas aceitou	4,2	7,20
Não gostou da escolha e ficou contrariado	0,0	—
Soube da escolha, mas não se manifestou	19,3	6,63
Você não o informou da escolha que fez	9,7	7,75
T O T A L	100,0	7,50

Como se pode verificar na Tabela 1, as médias decrescem na medida em que arrefece o entusiasmo do pai. São ainda mais baixas quando o candidato atribui indiferença à atitude paterna. Apenas quando o pai não foi informado da escolha feita pelo sujeito é que se observa uma discrepância em relação às médias esperadas. Havíamos hipotetizado que um ambiente familiar indicador de tal distanciamento, a ponto de o pai não ser informado de decisões importantes da vida do filho, estaria associado a auto-estima muito baixa. Entretanto, é possível que estejam incluídas em grande parte nesse grupo as respostas daqueles sujeitos cujos pais são falecidos ou que não convivem com os filhos. A ausência dos pais tornaria menos provável a existência de uma conotação afetiva associada à participação paterna nas decisões acerca da carreira. Além disso, é pequena a frequência de casos nesta categoria. De um modo geral, portanto, o que os dados evidenciam é que a associação entre apoio paterno à escolha da carreira e auto-estima do sujeito parece ocorrer na direção esperada, embora ela não tenha atingido o nível de significância.

De outra parte, a auto-estima provou estar relacionada a outra variável propriamente psicológica: a auto-confiança. Um certo paralelismo entre as duas pode servir como fonte de explicação para diferentes orientações dos sujeitos quanto às opções de curso que devem fazer e o esforço a despendar para ingressar na faculdade.

Quando se pediu aos sujeitos que fizessem uma estimativa sobre sua probabilidade de obter vaga nos cursos pelos quais optaram, obteve-se uma correlação de $0,17$ ($p < 0,05$) entre auto-estima e os índices de probabilidade de aprovação. O exame das médias de auto-estima, nesse caso, indica que elas são altas quando os sujeitos acreditam ter boa probabilidade de serem aprovados. Vão decrescendo até a altura em que creem ter iguais possibilidades de sucesso ou fracasso nas provas. A correlação, apesar de significativa, só não foi mais alta porque nos grupos de estimativa mais baixa a tendência a uma auto-estima menor não se confirma.

A relação entre alta auto-estima e confiança em obter aprovação foi plenamente confirmada quando se perguntou aos jovens o que pretendiam fazer se acaso obtivessem vaga nos cursos superiores. Os indivíduos que obtiveram mais pontos na escala de auto-estima são exatamente os que se sentem tão seguros de si mesmos a ponto de terem certeza de que não serão reprovados no vestibular ($t = 2,01$; $p < 0,05$).

Esses resultados corroboram o que se disse a propósito das relações entre auto-estima e sucesso escolar. Segundo Rosenberg (1965), os sujeitos que se julgam bastante dotados quanto a determinado atributo, tendem a valorizá-lo com maior frequência, da mesma forma que aqueles que atribuem maior importância a certas habilidades têm, usualmente, maior probabilidade de se desempenharem bem em relação a elas. Isso leva a supor que os sujeitos que associam a alta auto-estima à certeza de aprovação no vestibular são, provavelmente, aqueles bons alunos que sempre deram grande apreço ao sucesso acadêmico. Para eles, a realização repetida dessa expectativa contribuiu para a formação de uma auto-estima altamente positiva.

Nenhuma diferença foi, porém, comprovada entre a auto-estima dos estudantes que somente se submetem a um vestibular e a daqueles que se candidatam a exames em diferentes instituições ($t = 1,47$; não significativa). É possível que a candidatura simultânea a diversos vestibulares seja função não só da insegurança — e, portanto, da falta de auto-estima do candidato, mas também de muitos outros fatores, tais como: grau de competitividade da carreira escolhida, empenho em entrar em qualquer faculdade versus predileção definida por uma única instituição, disponibilidade

de recursos, existência de outras escolas na carreira preferida etc..

A correlação entre auto-estima e escolha de carreiras que "exigem uma preparação acadêmica menos rigorosa" foi $-0,29$ ($p < 0,05$). (Quanto menor a auto-estima, maior a probabilidade de escolha de carreira menos rigorosa). Não obstante, essa relação não se verificou quando se indagou do candidato se sua opção tinha sido feita também em função de evitar maior competição em termos de disputa de vagas no vestibular ($r = -0,10$; não significativa). Pode-se pensar, nesse caso, que os sujeitos não têm uma idéia muito precisa do nível de competitividade que irão enfrentar em muitas das carreiras que escolhem, seja por não disporem de informações sobre a relação candidato/vagas em anos anteriores, seja porque, na ocasião das inscrições ao vestibular, a opção sobre a carreira é necessariamente anterior ao eventual conhecimento da proporção candidatos/vaga.

Por outro lado, é possível que, por ser mais direta, essa questão tenda a ser mais desafiadora que a anterior para aqueles indivíduos que se sentem compelidos a mostrar uma auto-imagem socialmente aceitável.

A constatação da inexistência de associação entre auto-estima e competitividade da carreira escolhida foi confirmada ao nível dos fatos, quando se verificou não haver correlação entre auto-estima e escolha de carreiras consideradas mais ou menos competitivas a partir do índice adotado. Isso é verdadeiro tanto para as moças ($r = 0,09$, não significativa), quanto para os rapazes ($r = 0,18$, não significativa).

Verificou-se ainda que os resultados no vestibular, considerados enquanto escores obtidos nas provas de Português e de Matemática, também não estão associados à auto-estima. A correlação parcial controlando o nível sócio-econômico dos sujeitos não foi significativa ($r = -0,06$ e $r = -0,08$ respectivamente). Esses dados mostram-se coerentes com aqueles que indicam não haver uma ligação entre auto-estima e reprovação em vestibulares anteriores.

8. SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Entre os fatores que, por hipótese, seriam determinantes na formação de uma auto-estima positiva, não foram observadas as relações esperadas quanto ao desempenho acadêmico. Na gama de variáveis educacionais estudadas, a única que provou estar associada à auto-estima, ainda que na direção contrária à hipotetizada, foi a da frequência a cursos diurnos e noturnos.

Os fatores sociais de ordem mais ampla parecem, a julgar pelos dados, não estar diretamente ligados à problemática da auto-estima. Apenas quando as relações ocorrem ao nível dos contatos primários, como no caso do apoio familiar à opção de carreira do candidato, é que foi possível encontrar associação entre as duas variáveis.

Por outro lado, a auto-estima apresentou correlação com a atitude frente à escolha de cursos feita pelo jovem e sua percepção do preparo que demanda a admissão à universidade.

Foram poucas as relações significativas detectadas. É possível que as associações entre auto-estima e outras variáveis sejam muito mais intensas em etapas anteriores da vida dos sujeitos, pois nessa fase da vida a influência dessas variáveis pode estar diluída pela atuação de outros fatores.

O crivo pela qual passaram os estudantes até chegarem ao ponto de concorrer ao ingresso nas faculdades pode ter sido tão estreito a ponto de levá-los a constituírem grupos com muitas características em comum.

Ainda que se admita uma tendência geral para inflacionar as médias de auto-estima, pode-se supor que a grande maioria dos indivíduos cujo peso dos fatores analisados tivesse tido maior influência na formação de uma auto-estima negativa tenha sido descartada, em etapas anteriores da escalada escolar.

As lacunas que restaram a respeito das inter-influências dos fatores estudados merecem ser retomadas à luz das críticas feitas a propósito dos instrumentos e das hipóteses desta investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J. G. e EVANS, F. B. 1974. Causal models in educational research: recursive models. *American Educational Research Journal*, 11 (1): 29-39.
- BROOKOVER, W. B. et al. 1964. Self concept of ability and school achievement. *Sociology of Education*, 37 (3): 271-278.
- CAPLIN, M. D. 1969. The relationship between self concept and academic achievement. *The Journal of Experimental Education*, 37 (3): 13-16.
- COLEMAN, J. et al. 1966. *Equality of educational opportunity*. U. S. Government Printing Office, Washington, D. C.
- CRANDALL, R. 1973. The Measurement of self esteem and related constructs. In ROBINSON, J. P. e SHAVER, P. R. *Measures of social psychological attitudes*. Institute for Social Research of the University of Michigan, Michigan.
- DEUTSCH, M. 1960. *Minority groups and class status as related to social and personality factors in scholastic achievement*. Society for Applied Anthropology, Cornell University Press; Ithaca. (Monografia nº 2).
- GOUVEIA, A. J. 1966. *Escala ocupacional*. Centro Regional de Pesquisas Educacionais, São Paulo. (ex. mimeografado).

- GOUVEIA, A. J. 1972. *O emprego público e o diploma de curso superior*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo.
- HUTCHINSON, B. 1961. *Trabalho e mobilidade*. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro.
- McDONALD, R. L. e GYNTHY, M. D. 1965. Relationship of self and ideal self descriptions with sex, race and class in southern adolescents. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1 (1): 85-88.
- NUNNALLY, Jum C. 1967. *Psychometric theory*: 64-66. McGraw Hill Book Company, New York.
- POPOVIC, A. M.; ESPOSITO, Y. L. e CAMPOS, M. M. M. 1975. Marginalização cultural: subsídios para um currículo pré-escolar. *Cadernos de Pesquisa* nº 14. Fundação Carlos Chagas, São Paulo.
- ROSENBERG, M. 1965. *Society and adolescent self-image*. Princeton University Press, Princeton, New Jersey.
- ROSENBERG, M. e SIMMONS, R. G. 1971. *Black and white self-esteem: the urban school child*. American Sociological Association, Washington, D. C.
- SOARES, A. T. e SOARES, I. M. 1969. Self perceptions of culturally disadvantaged children. *American Educational Research Journal*, 6 (1): 31-45.
- TROWBRIDGE, N. 1972. Self concept and socio-economic status in elementary school children. *American Educational Research Journal*, 9 (4): 525-537.
- WYLIE, R. C. 1963. Children's estimates of their schoolwork ability as a function of sex, race and socio-economic level. *Journal of Personality*, 31: 204-224.
- ZIRKEI, P. A. e MOSES, E. G. 1971. Self concept and ethnic group membership, among public school students. *American Educational Research Journal*, 8 (2): 253-263.

[Recebido para publicação em julho de 1975]

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO
CESCEM — 1974

Questões utilizadas na presente pesquisa (*)

1. Sua média geral entre todas as matérias do 2.º ano do 2.º ciclo do curso secundário (2.º grau) foi: (em caso de repetência refira-se à primeira vez em que cursou o 2.º ano)

Código: 3,99 ou menos	1
entre 4,00 e 4,99	2
entre 5,00 e 5,99	3
entre 6,00 e 6,99	4
entre 7,00 e 7,99	5
entre 8,00 e 8,99	6
9,00 ou mais	7

2. Quantas vezes você já prestou vestibular? (a pergunta se refere ao número de vestibulares, não ao número de anos. Por exemplo: Se você prestou 2 vestibulares num só ano, marque o código 4 ou 5, conforme tenha sido classificado ou não)

Código: nenhuma	1
1 vez, e foi classificado	2
1 vez, e não foi classificado	3
2 vezes, e foi classificado em pelo menos 1 deles	4
2 vezes, e não foi classificado em nenhum deles	5
3 vezes, e foi classificado em pelo menos 1 deles	6
3 vezes, e não foi classificado em nenhum deles	7
4 vezes ou mais, e foi classificado em pelos menos 1 deles	8
4 vezes ou mais, e não foi classificado em nenhum deles	9

3. Idade (número de anos completos que você terá a 31 de dezembro de 1973)

Código: 17	1
18	2
19	3
20	4
21	5
22	6
23	7
24	8
25 ou mais	9

4. Nível de instrução do pai. Cursos normal, comercial, técnico e semelhantes, devem ser indicados como de nível secundário.

Código: nenhum ano de estudo	0
primário incompleto	1
primário completo	2
secundário até 1.ª série	3
secundário até 2.ª série	4
secundário até 3.ª série	5
secundário até 4.ª série	6
superior incompleto	8
superior completo	9

5. Esta pergunta refere-se à ocupação de seu pai. Se ele tem mais de uma ocupação, refira-se à principal. Se é falecido, aposentado ou está desempregado, refira-se à ocupação exercida durante a maior parte de sua vida. Se você não foi criado por seu pai, refira-se a quem o tenha substituído. Qual das seguintes categorias melhor descreve a ocupação de seu pai?

Ocupação	Código original	Código Escala de Prestígio
Magistério superior (ciências exatas)	01	6
Magistério superior (ciências biológicas)	02	6
Magistério superior (ciências humanas)	03	6
Magistério ou direção em escola secundária	04	5
Magistério ou direção em escola primária	05	4
Medicina	06	6
Odontologia	07	6
Farmácia	08	6
Veterinária	09	6
Agronomia	10	6
Outras profissões que exigem curso superior	11	6
Profissões técnicas de nível médio: Topógrafo, etc	12	5
Empresas industriais, comerciais, bancárias, financeiras ou de prestação de serviços:		
Propriedade de grandes ou médias empresas (11 empregados ou mais)	13	7
Direção de empresas grandes ou médias (11 empregados ou mais)	14	6

(*) Alterou-se o número de ordem original das questões para fins de apresentação seqüencial neste anexo.

<i>Ocupação</i>	<i>Código original</i>	<i>Código Escala de Prestígio</i>
Propriedade de pequenas empresas	15	5
Gerência de pequenas empresas	16	4
Chefia de seção em grandes e médias empresas	17	5
Ocupações não manuais de rotina, em empresas grandes, médias ou pequenas. Escriturários, comerciários, etc.	18	4
Ocupações no setor de vendas, empregados ou autônomos: vendedores, viajantes	19	4
Ocupações manuais não especializadas. Ex.: guarda-noturno, pescador, cobrador de ônibus, etc.	20	1
Ocupações manuais especializadas — empregado ou autônomo. Ex.: marceneiro, mecânico, encanador, etc.	21	2
Ocupações manuais especializadas — dono de oficina ou supervisor, mestre, empreiteiro, etc.	22	3
Empresas agrícolas:		
Propriedade de fazenda com 50 empregados ou mais	23	7
Administração de fazenda com 50 empregados ou mais	24	5
Propriedade de fazenda com 10 a 49 empregados	25	6
Propriedade de fazenda com 1 a 9 empregados	26	5
Administração de fazenda com menos de 49 empregados	27	5
Propriedade sem empregados	28	3
Empregado (roceiro, colono, etc.)	29	1
Forças Armadas:		
Marechais	30	7
Oficiais Gerais: General de Brigada, de Divisão, de Exército e equivalente nas demais armas	31	7
Oficiais Superiores: Major, Tenente-Coronel, Coronel e equivalentes nas demais armas	32	6
Capitães	33	6
Oficiais subalternos: Primeiro e Segundo-Tenente e equivalentes nas demais armas ..	34	5

Sargento, Cabo e equivalentes nas demais armas	35	4
Soldado ou Marinheiro	36	1
Administração pública:		
Posições ou cargos políticos e administrativos de alto nível: deputado, desembargador, governador, ministro, etc.	37	7
Posições ou cargos médios: prefeito, vereador, secretário, etc.	38	6
Posições de chefia ou cargos de nível equivalente	39	5
Posições ou cargos de nível médio, tais como escriturário, etc.	40	4
Posições ou cargos públicos não enquadrados nas categorias acima	41	4
Outra ocupação não enquadrada nas categorias acima ...	42	eliminada

6. Qual a renda total mensal em cruzeiros da família? (Se for solteiro, inclua rendimentos (salários e outros) seus, de seus pais, de seus irmãos e de outras pessoas que contribuam para a renda da família; se for casado, inclua rendimentos seus, de seu cônjuge, de seus filhos e outras pessoas que contribuam para a renda da família)

<i>Código:</i> 500 ou menos	1
501 a 1.000	2
1.001 a 1.500	3
1.501 a 2.000	4
2.001 a 3.000	5
3.001 a 4.000	6
4.001 a 5.000	7
acima de 5.000	8

7. Em que período fez o 2.º ciclo do curso secundário (2.º grau)?

<i>Código:</i> Diurno	1
Noturno	2
Parte no diurno e parte no noturno	3

8. Em que município você completou o 2.º ano do 2.º ciclo do curso secundário (2.º grau)?

(A resposta foi dada de acordo com uma relação de Municípios do Estado de São Paulo, apresentada no próprio questionário. Esse rol de município incluía igualmente a possibilidade de resposta quando os cursos não tinham sido realizados no Estado)

9. Qual a reação de seu pai em relação à sua escolha?

	<i>Código original</i>	<i>Código p/ análise</i>
Você não o informou da escolha que fez	1	6
Soube da escolha, mas não se manifestou	2	5
Demonstrou-se muito entusiasmado	3	1
Parece ter ficado satisfeito ...	4	2
Não gostou da escolha, mas aceitou	5	3
Não gostou da escolha e ficou contrariado	6	4

10. Qual a reação de sua mãe em relação à sua escolha?

	<i>Código original</i>	<i>Código p/ análise</i>
Você não a informou da escolha que fez	1	6
Soube da escolha, mas não se manifestou	2	5
Demonstrou-se muito entusiasmada	3	1
Parece ter ficado satisfeita ..	4	2
Não gostou da escolha, mas aceitou	5	3
Não gostou da escolha, e ficou contrariada	6	4

11. Você acredita que a sua probabilidade de obter vaga nos cursos pelos quais está optando neste exame do CEECEM é da ordem de:

<i>Código:</i> 80% a 100%	1
60% a 70%	2
50%	3
30% a 40%	4
0% a 20%	5

12. Neste ano, você pretende se candidatar:

<i>Código:</i> somente ao vestibular do CEECEM	1
a outro(s) vestibulares(s) em que sua 1. ^a opção será a mesma carreira de sua 1. ^a opção no CEECEM	2
a outro(s) vestibular(es) em que sua 1. ^a opção será para carreira diferente da sua 1. ^a opção no CEECEM	3
a outros vestibulares, um (uns) em que a 1. ^a opção será igual à do CEECEM e outro(s) em que será diferente	4

13. Se você não conseguir vaga nos cursos pelos quais está optando neste exame do CEECEM, o que você pretende fazer?

<i>Código:</i> prestar outro(s) vestibular(es) este ano para a mesma carreira	1
prestar outro(s) vestibular(es) este ano para carreira diferente	2
preparar-se para fazer vestibular no ano que vem, para a mesma carreira	3
preparar-se para fazer vestibular no ano que vem, para carreira diferente	4
desistir de estudar por algum tempo, para trabalhar	5
ficar sem estudar nem trabalhar por algum tempo	6
essa hipótese nem lhe ocorreu, pois tem certeza de que obterá vaga	7
você não tem certeza se obterá vaga, mas ainda não pensou sobre o assunto	8

14. É uma carreira em que a competição pelas vagas que oferece é menor do que em outras carreiras.

Não	1
Sim, mas este fato não teve influência alguma em sua escolha	2
Sim, e este fato teve alguma influência em sua escolha	3
Sim, e este fato teve grande influência em sua escolha	4
Sim, e este fato foi decisivo em sua escolha	5

15. É uma carreira que exige preparação menos rigorosa que outras.

Não	1
Sim, mas este fato não teve influência alguma em sua escolha	2
Sim, e este fato teve alguma influência em sua escolha	3
Sim, e este fato teve grande influência em sua escolha	4
Sim, e este fato foi decisivo em sua escolha	5

ANEXO 2

Índice de competitividade das carreiras pelas quais optaram os vestibulandos do CESCEM em 1974.

<i>Carreiras</i>	<i>Probabilidade de obter vaga</i>
1. Nutrição	5%
2. Medicina	6%
3. Psicologia	7%
4. Farmácia e Bioquímica	10%
5. Especialidades Para-médicas	12%
6. Odontologia	16%
7. Enfermagem e Obstetrícia	17%
8. Agronomia e Engenharia Florestal	21%
9. Educação Física	27%
10. Medicina Veterinária	28%
11. Biologia e História Natural	29%
12. Economia Doméstica	54%

ANEXO 3

ESCALA DE AUTO-ESTIMA DE ROSENBERG
(traduzida com permissão do autor)

Questionário de opiniões

Instruções: Cada uma das questões abaixo apresenta uma afirmativa. Leia cada afirmativa e decida se você concorda com ela. A seguir, marque na folha de respostas, um número de acordo com o seguinte esquema:

1. Discordo muito
2. Discordo
3. Concordo
4. Concordo muito

- Q₁ Acho que sou uma pessoa de valor, pelo menos tanto quanto os outros.
- Q₂ Acho que tenho algumas boas qualidades.
- Q₃ Considerando tudo, sinto-me inclinado a julgar que sou um fracasso.
- Q₄ Posso realizar as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.
- Q₅ Acho que não tenho muita coisa de que me orgulhar.
- Q₆ Costumo ter uma atitude positiva em relação a minha pessoa.
- Q₇ De modo geral, sinto-me satisfeito comigo mesmo.
- Q₈ Gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.
- Q₉ Não há dúvida de que às vezes me julgo inútil.
- Q₁₀ As vezes, penso que não sirvo para nada.